

Branquitude, Linguagens e Letramentos

(Org.)

Profa. Dra. ANA HELENA ITHAMAR PASSOS (Instituto Ella Criações Educativas)

Prof. Dr. ALEXANDRE FERNANDES (IFBA)

Prof. Dr. RICHARD SANTOS (UFSB)

Linguagem, raça e racialidade, Educação, Cultura e Colonialidade enredam os textos que ora chega para o/as leitores desse volume do dossiê branquitude intitulado: **Branquitude, linguagens e Letramentos**.

As ferramentas de manutenção de hegemonia da branquitude são múltiplas, e a linguagem é uma delas. A linguagem constrói identidades sociais. É no aprendizado escolar e nos letramentos socioculturais que formamos nossas subjetividades e nos percebemos em nós mesmos, mas também, em relação, e a partir do que é construído sobre nós.

O racismo linguístico, enquanto uma tecnologia de poder, corrobora com narrativas do projeto colonial e mantém a colonialidade viva nas sociedades. Mas, não sem resistência. Os letramentos críticos das resistências negras são contra narrativas pulsantes da revolução decolonial. Aqui, com o conjunto de textos que ora apresentamos, abre-se mais um espaço de resistência e fincamos uma barricada!

A construção da Outridade necessária para a manutenção da branquitude é apontada no artigo **Maria na senzala contemporânea: assimetrias e monstros em Conceição Evaristo e Cidinha da Silva**. O corpo-monstro

(COHEN) é relacional e hierárquico. A invenção do negro pelo branco é a própria invenção da monstruosidade enquanto existência em sociedade. Um para o outro, os monstros são as fantasias dos brancos, quando age com fetiche em relação aos corpos negros, exuberantes, livres, potentes, porém inadequados para espaços de poderes, assim como são monstros os corpos brancos, que violentam, massacram e alienam os tantos **Outros** corpos negros, indígenas e periféricos.

Cria-se o Outro imagético e o alimenta em sociedade pela linguagem. As linguagens, artística ou falada, nunca foram neutras e, em essência, foram forçadas no projeto colonial. Ou seja, tem força de produzir tons da branquitude o que é denunciado no artigo **Contra a Lei de Cotas: os tons da branquitude**. São eles que pintam os quadros, os livros, as artes que consumimos e que, historicamente, negam espaço positivo para as pertencas negras e indígenas. Lembremos de Frantz Fanon (2008, p. 34), e seu alerta: “Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.” Logo, os espaços sociais são cartilhas de um

letramento racista. São ruas que homenageiam senhores de engenhos, bandeirantes ou generais e coronéis e petrifica nossa cultura a um só tom, o branco.

E é sobre essa branquitude geográfica, a segregar corpos, que **O luxo da Aldeia: a produção social de lugares da branquitude em Fortaleza** se debruça em uma análise etnográfica de um bairro dito nobre da capital do Ceará. Importante evocarmos Stuart Hall (2015, p. 2), lembrando que os significantes se referem a sistemas e conceitos da classificação de uma cultura, a suas práticas de produção de sentido. E esses significantes ganham força de verdade única, não por causa do que contém em suas essências, mas por conta das relações mutáveis de diferença que estabelecem com outros conceitos e ideias num campo de significação.

Todavia, não se pleiteia uma igualdade na qual as variáveis de tons e letras sejam apenas das nuances brancas. Essa homogeneidade linguística não favorece as tantas histórias brasileiras que a branquitude nega, rasura, apaga da nossa cultura.

Há resistências, sempre houve como aponta o artigo **Ruptura com os racismos lingüísticos e epistêmicos na escola**: é preciso rebelar-se contra o currículo eurocêntrico. Trata-se de ação política cotidiana em combate as tantas violências racistas que os letramentos coloniais nos impõem. O processo civilizatório é imerso em uma narrativa hegemônica de poder branco. Faz nascer um imaginário dominante sobre valores sociais e sobre a própria ideia de humanidade. O homem universal, pois, será europeu, etnocêntrico e colonizador.

É preciso combater esse ideário. Se tratando de uma revolução cultural de resistência podemos rememorar o movimento africano *Negritude*, que em meados do Século XX ofereceu para a população negra e negra em diáspora, resistência ao colonialismo e às políticas imperialistas perpetradas em África. A tomada de consciência do que era ser “negro” – a partir de movimentos culturais, literários e políticos – foi de grande valia na construção de uma identidade africana e decisivo no processo de descolonização africana, fazendo-se ressoar posteriormente nas propostas e filosofias dos movimentos sociais negros do Brasil.

Buscar uma identidade cultural que acolhesse os negros da África e da diáspora africana também era um dos objetivos inclusos no cerne do movimento da *negritude*. Na interpretação de alguns autores a busca e a conquista dessa identidade cultural é um dos maiores desafios da *negritude*, para isso o “negro” deve aprender a se reconhecer como “negro”, a desejar sê-lo e principalmente retomar valores ancestrais, perceber-se no mundo a partir de visão desconectada dos valores ocidentais, eurocêtricos e principalmente re-significar entendimentos sobre palavras que por muito tempo foram usadas de forma pejorativa e discriminatória para agredir imagem das populações negras.

Uma revolução linguística está em andamento, a qual deve questionar o lugar do branco nessa ruptura sociopolítica, com vistas a desmoronar o projeto colonial da branquitude.

Há uma emergência por uma sociedade antirracista. Se, em tempos outros, o movimento *Negritude*, fissura a colonialidade da branquitude em África e semeia as resistências negras em

diáspora, fortalecendo identidades e culturas negras de forma positiva, neste momento, já com os letramentos em disputa, a ação tem que ser mais profunda na provocação desconfortável sobre o branco. É preciso pleitear sua responsabilidade. Essa é a proposta do artigo **Letramento racial: da emergência de uma formulação**, pois, pretende apontar uma reflexão sobre o deslocamento da hegemonia visual-simbólico-afetiva brancocêntrica. A proposta de um letramento racial crítico é instigante. Parece ser o caminho para o desmoronamento dos elementos de supremacia racial da branquitude.

Esses e os tantos outros textos contidos nesse dossiê fazem um chamamento a olhar o branco e a branquitude. Ao questionar as linguagens coloniais e o letramento racista no sentido de ampliarmos a proposta decolonial, as propostas pulsam para os textos contidos no desmoronamento revolucionário da pureza supremacista vernacular e hierarquizante. É preciso caminhar em busca da exigência da liberação lingüística da supremacia branca, como também de todos os termos e pensamentos racializantes e raciológicos. De um olhar racializado, de um pensar racializado e de um pensar racializado sobre o pensar.